

A RADIALIDADE DA CATEGORIA RELIGIÃO: MODELOS COGNITIVO CULTURAIS DO IMIGRANTE ITALIANO CATÓLICO NO RS

Heloísa Pedroso de Moraes FELTES (UCS)¹
Carina Niederauer GRANZOTTO (UCS)²

RESUMO: Analisa-se a categoria **RELIGIÃO** no sistema cultural dos imigrantes das antigas colônias da região nordeste do RS, de acordo com a Semântica Cognitiva. Constroem-se modelos cognitivo-culturais organizadores da estrutura polissêmica radial da categoria, levantando-se hipóteses sobre a conceptualização das experiências religiosas dessa população, portadora de uma cosmovisão sacral, tendo a religião como justificadora e legitimadora da ordem social. A investigação da categoria baseia-se na codificação de experiências em expressões lingüísticas, através da organização de fontes documentais. Os resultados parciais revelam que **RITUAIS** é modelo metonímico prototípico de **RELIGIÃO** em suas variadas formas de expressão discursiva.

ABSTRACT: The category **RELIGION** has been analyzed in the cultural system of immigrants of the former colonies of the northeast region of RS, according to Cognitive Semantics. The radial polysemic structure of the category is constructed from cognitive-cultural models, raising hypotheses on the conceptualization of the religious experiences of this population, which has a sacral cosmovision, whereas religion justifies and legitimizes the social order. The inquiry of this category is based on the codification of experiences in linguistic expressions, by organizing documentary sources. Partial results disclose that **RITUALS** is the prototypical, metonymical model of **RELIGION** in its different forms of discourse.

1. Introdução

Este artigo apresenta os resultados ainda parciais da pesquisa intitulada *Projeto-tronco: Modelos Culturais que estruturam as categorias RELIGIÃO, TRABALHO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE nas comunidades das antigas colônias italianas (PMC)*. A PMC integra o conjunto de pesquisas do Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul e, no atual estágio, analisa a categoria **RELIGIÃO**. Opera com os conceitos e métodos da Semântica Cognitiva lakoffiana e seus colaboradores. Partindo desse aporte teórico³, os resultados apontam para uma estrutura radial que tem **RITUAIS** como o Modelo Prototípico que estrutura a categoria **RELIGIÃO**.

2. Considerações metodológicas

A PMC fundamenta sua proposta no paradigma cognitivo-cultural da Lingüística Cognitiva, Semântica Cognitiva, o qual oferece o referencial epistemo-metodológico e o aparato descritivo-explanatório para o exame dos modelos cognitivo-culturais que estruturam a categoria **RELIGIÃO**, a partir dos discursos de sujeitos de antigas colônias de imigrantes italianos. Uma das etapas do processo de pesquisa é a formação de um *corpus* de análise para acessar MCCs relativos a PMC, o qual envolve a identificação dos recortes discursivos a serem analisados.

As análises discursivas têm demonstrado sua importância fundamental em pesquisa histórico-cultural, como se tem observado na pesquisa. A escolha do modo como preparamos o *corpus* para a análise **não se compromete** com qualquer linha teórica em especial da Análise do Discurso ou Teoria

¹Doutora em Letras – Lingüística Aplicada pela PUCRS. Professora do Mestrado em Letras e Cultura Regional. helocogn@terra.com.br.

² Mestranda do programa em Letras e Cultura Regional. carina.granzotto@terra.com.br.

³ Devido ao espaço deste artigo não é feita a revisão do aporte teórico relativo à Semântica Cognitiva, Lingüística Cognitiva e Teoria prototípica, mas assinalamos que as obras de referência são: Fauconnier (1985), Fauconnier (1999), Fauconnier; Turner (2002), Feltes (2003, 2004, 1992a, 1992b), Fillmore (1982), Johnson (1988) Lakoff ; Johnson (1980, 1999); Lakoff(1985), Lakoff(1977, 1982, 1987, 1988), Lakoff; Turner (1989), Langacker (1999), além de obras de Eleanor Rosch e seus colaboradores, sobre Teoria Prototípica desde 1972.

da Enunciação.⁴ Essa é a razão pela qual adotamos simplesmente a expressão “tratamento discursivo prévio das fontes”. Preliminarmente levantam-se algumas questões metodológicas relativas ao papel da análise discursiva na análise desse *corpus*. Os discursos a que se têm acesso são, em sua maioria, indiretos ou híbridos, baseiam-se no relato de memórias, em geral de descendentes de italianos das antigas colônias. Ao tratarmos dos discursos indireto e híbrido, buscamos identificar os locutores, sua posição social na comunidade e a época em que o discurso foi registrado. Dessa maneira, mesmo que a análise exija que se recorte o dizer dos sujeitos investigados entre os outros dizeres da fonte de investigação, esse recorte é circunstanciado, de modo a não se ignorarem as condições de sua produção.

2.1 Tratamento discursivo prévio de *corpus* documental

Como afirma Bakhtin ([1979], 2003), os limites dos enunciados como unidades concretas da comunicação discursiva definem-se pela alternância de sujeitos: (i) antes do início, os enunciados de outros; (ii) depois de seu término os enunciados responsivos de outros, “ao passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (p. 275). É essa alternância de sujeitos que é “constitutiva do enunciado como unidade de comunicação” (p. 280). É nesse sentido que, para Bakhtin, o enunciado “é pleno de tonalidades dialógicas” (p. 298). Como afirma:

O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto de ser discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural). Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre têm uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. (p. 300).

Há esquemas sintáticos para a apresentação do discurso de outrem, e cada esquema recria a enunciação, dando-lhe uma orientação específica. Tais esquemas são: (i) o discurso direto; (ii) o indireto; e (iii) o indireto livre. O discurso direto caracteriza-se, para Bakhtin, tomando em conta a prosa romanesca, da seguinte forma:

Os esquemas exprimem uma tendência à apreensão ativa do discurso de outrem. Cada esquema recria à sua maneira a enunciação, dando-lhe assim uma orientação particular, específica. Se a língua, num determinado estágio do seu desenvolvimento, percebe a enunciação de outrem como um todo compacto, inalisável, imutável e impenetrável, ela não comportará nenhum outro esquema além do esquema primitivo e inerte do discurso direto. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1986, p. 158).

O discurso indireto, como afirma Bakhtin ([1977], 1986), “ouve de forma diferente o discurso de outrem”; sua natureza é analítica; não se manifestam literalmente elementos emocionais e afetivos:

A tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos *emocionais e afetivos* do discurso são literalmente transpostos ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo mas nas formas de enunciação. Antes de entrar numa construção indireta, eles passam de formas de discurso a conteúdo ou então encontram-se transpostos na proposição principal como um comentário do *verbum dicendi*. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1986, p. 159).

A enunciação de outrem, como esclarece o autor, é transmitida enquanto expressão que caracteriza tanto o objeto do discurso, como também sua maneira de falar, seu estado de espírito, como no caso na entonação expressiva ou sua capacidade ou incapacidade de expressar-se. Basta-nos tomar em consideração Bakhtin ([1979], 2003), onde encontramos clara a função do “destinatário”, o papel da “recepção” como em: “ Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu

⁴ A construção desse aparato é meramente instrumental. Não se ignora a heterogeneidade de linhas teóricas, assim como a evolução dessas teorias nos últimos 30 anos. Procurou-se um conjunto de conceitos, os quais são suficientes para demonstrar a importância de um tratamento discursivo mínimo para fontes de pesquisa histórico-cultural.

direcionamento a alguém, o seu *endereçamento*. [...]. **A quem se destina o enunciado, como falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado.**” (p. 301, grifos nossos).

O acesso que se terá aos modelos cognitivo-culturais é, portanto, multiplamente mediado. Se constituído de recortes das obras sobre histórias de famílias ou relato de entrevistas, tem-se a situação em que o autor das obras relata o discurso de outro ou relata outros relatos. Conforme Bakhtin (1977), o “discurso citado é o **discurso no discurso**, a **enunciação na enunciação**, mas é, ao mesmo tempo, um **discurso sobre o discurso**, uma **enunciação sobre a enunciação**” (p. 144).

Os recortes devem permitir destacar e caracterizar aquele que “fala” e “de onde fala”. Essa é uma etapa fundamental para que se tenha esclarecida, do ponto de vista discursivo, a heterogeneidade/polifonia e, por conseguinte, as características dos discursos-fonte para que se alcancem os modelos cognitivo-culturais através de algo que chamaremos “por-meio-de-quem-quando”, já que nossas fontes são diversas: cartas, histórias de família, estudos historiográficos, estudos antropológicos, estudos teológicos e entrevistas. Não se pode atribuir um discurso ao “imigrante italiano” sem que se considere tais elementos enunciativos. Esse é um compromisso fundamental que a Semântica Cognitiva deve ter ao operar com unidades discursivas.

3. Semântica cognitiva: polissemia e radialidade na categoria RELIGIÃO

Nossos estudos preliminares com a categoria **RELIGIÃO** - a **categoria** aqui representando o que chamamos também de **domínio conceitual** relativo à ‘religião’, ‘religioso(a)’, ‘religiosidade’ – levaram-nos à construção de uma complexa estrutura radial hipotética. Nosso modelo metodológico é hipotético-dedutivo.

Antes de empreender uma leitura exploratória do *corpus*, constituído de recortes discursivos advindos de estudos historiográficos, antropológicos, cartas e entrevistas, foram estudados textos bíblicos aceitos pela Igreja Católica. Atentou-se para as várias metáforas aplicadas a Deus, à fé e aos princípios da cristandade. Essas metáforas orientaram a construção de hipóteses sobre o que poderia se manifestar no discursos dos imigrantes italianos e seus descendentes. Também foram investigadas outras fontes de informação como as doutrinas e o espírito das missões e congregações católicas que se instalaram nas antigas colônias italianas da região Nordeste do Rio Grande do Sul, com o intuito de compreender a cultura religiosa que se desenvolveu nessas comunidades. Esses estudos continuam em andamento, pois têm a função de auxiliar a análise semântica num processo de re-*checagens* contínuas, para que as intuições dos analistas adquiram a maior consistência possível, necessária para ter validade científica. Embora os recortes discursivos sob análise sejam bem-situados, variados e, em sua maioria, bastante extensos, outras fontes podem e devem auxiliar a análise semântica, já que esta tem a pretensão de fornecer *insights* relevantes para a pesquisa antropológica.

Neste ponto, relativamente à pesquisa com discursos, é bastante oportuno citar Fauconnier (1999) quando este afirma que “qualquer forma de linguagem em contexto tem o potencial para disparar construções cognitivas pesadas, incluindo mapeamentos analógicos, conexões de espaços mentais, organização de pontos de referência, mesclas e simulação de cenas complexas.” (p. 98).

Segundo o autor, há um pequeno número de formas lingüísticas e uma gramática muito parca que “nos guia ao longo de ricos caminhos mentais”, oferecendo “a espetacular profusão de significado correspondente” (p. 98). Isso é o que Fauconnier chama de *economia* e é o que nitidamente ocorre quando investigamos a categoria **RELIGIÃO**, como se verá logo adiante. Para Fauconnier, essa *economia* que “nos instiga a realizar operações cognitivas complexas e, portanto, tem um alto grau de comunicação efetiva”, resulta do fato de que “o substrato cultural, contextual e cognitivo sobre o qual operam as formas da linguagem é suficientemente uniforme entre os interlocutores para permitir um grau razoável de consistência no desdobramento das construções de significado propostas (1999, p. 98).

centro prototípico, **PAI** resulta de uma experiência biológica e social, num domínio concreto da experiência.

PAI, por sua vez, é um conceito que se articula em torno de um modelo proposicional complexo. **PAI** estrutura-se em quatro submodelos: **PAI GENITOR**, ou **PAI BIOLÓGICO**.⁶; **PAI DE CRIAÇÃO**, **PAI PROVIDOR**, **PAI AUTORIDADE**. Esses quatro submodelos representam, juntos, o **PAI** prototípico em nossa cultura. E o conceito **DEUS** carrega, por analogia, essa estrutura prototípica.

Tomando o modelo como um todo, surgem extensões metonímicas – apenas um dos submodelos é tomado, a cada vez ou de forma combinada, como caracterizando **DEUS** como um todo e dali projetam metáforas, como as seguintes:

- **PAI GENITOR** projeta a metáfora **DEUS COMO SEMENTE**
- **PAI DE CRIAÇÃO** projeta a metáfora **DEUS COMO PASTOR**
- **PAI PROVIDOR** juntamente com **PAI AUTORIDADE** projeta **DEUS REI**
- **PAI AUTORIDADE** pode, sozinho, projetar metaforicamente **DEUS COMO JUÍZ**.

Pode-se supor que pelo **MODELO MÍTICO** – da criação do mundo - advenha a idéia de ser o mundo-criado, o **REINO DE DEUS**, mas é necessário verificar se essa é a concepção do senso comum. Como o conceito **DEUS** se estrutura fortemente a partir do conceito **PAI**, a projeção mais produtiva deve advir de **DEUS PROVIDOR** e **DEUS AUTORIDADE** (“Deus Pai-Todo-Poderoso”). **IGREJA** pode ser entendida como **INSTITUIÇÃO** e como **LUGAR**, e **LUGAR** projeta **CASA** – **CASA DE DEUS**, o que metonimicamente projeta **FAMÍLIA**, em dois sentidos interligados: **DEUS-PAI**, **DEUS-FILHO**, **MARIA-MÃE**, **SOMOS TODOS IRMÃOS** (a humanidade).

CAPELA, por extensão metonímica, também é **CASA DE DEUS** e a **PARÓQUIA** reúne-nos como uma **FAMÍLIA**.

A metáfora **DEUS COMO REI**, relacionada com o conceito **REINO** projeta, por propriedades importantes, a existência de uma **GUARDA** ou um **EXÉRCITO**, assim como de **SÚDITOS** e **SERVOS** (do **SENHOR**). **PADRES SÃO SOLDADOS** (de Deus) e também **PADRES SÃO SÚDITOS**, como o são os **SERES HUMANOS** (católicos, nesse caso). Em consequência disso,

- **PADRE**, que metonimicamente está por **IGREJA**, está por **PAI**.
- **PADRE** também metaforiza-se em **PADRE COMO SOLDADO** (de Deus).
- **OS SERES HUMANOS SÃO SERVOS**.
- Ao mesmo tempo, **SOLDADOS** são **SERVOS**.
- Como representação outorgada pela **IGREJA** como **PAI**,
- **PADRE** metaforiza-se como **PADRE PASTOR**
- **DEUS PASTOR** acarreta **SERES HUMANOS** (católicos) **SÃO OVELHAS**.

Estando outorgados institucionalmente como representantes de **DEUS** – uma metonímia –, surge o acarretamento metafórico: **PADRE COMO PASTOR** e **PAROQUIANOS SÃO OVELHAS**.

IGREJA institui **RITUAIS**. Esses rituais, nascidos da **FÉ**, são realizados tanto por **AMOR** como **TEMOR a DEUS**:

- **RITUAIS** metaforiza-se como **RITUAIS SÃO UM CAMINHO** (para **DEUS**).
- **RITUAIS** expressam-se numa taxonomia básica:
 - o **MISSA** (que possui seu próprio modelo proposicional do tipo *script*);
 - o **CATECISMO-EUCARISTIA**, também representada por *scripts*;
 - o **BENÇÃO DA ÁGUA** e
 - o **TERÇO/ORACÃO**, que também possui um modelo representacional tipo *script*.

Na análise, tem surgido a hipótese de que **RELIGIÃO** se estrutura prototipicamente através de uma metonímia com **RITUAIS** (É religioso aquele que vai à missa, fez a comunhão, reza o terço, etc.), sendo que quanto maior o número de rituais dos quais participa, “mais” religiosa é a pessoa.

Uma relação com várias conexões radiais surge em **DEUS REI**, **DEUS JUÍZ**, **PADRE** (por outorga). Aqui estão em jogo **JULGAMENTO**, **PENITÊNCIA/PUNIÇÃO**, **ABSOLVIÇÃO/PERDÃO**.

⁶ Em Português, tem-se o termo ‘paternidade’, correspondente a ‘*paternity*’ em Inglês, mas não se tem ‘*fatherhood*’, como em Inglês, que corresponderia ao submodelo de **PAI DE CRIAÇÃO**.

Isso nos leva a **PECADO**. Os rituais visam à **REDEÇÃO** ou **ABSOLVIÇÃO**. Aqui tem-se uma das conexões intercategorias com **TRABALHO**, como remissão dos pecados.

FÉ é um nóculo importante. **FÉ EM DEUS** representa a ligação com **DEUS** através da **FÉ**, e metonimicamente a **FÉ** leva a **DEUS**, assim como a falta de **FÉ** afasta de **DEUS**. **FÉ** é metaforizada como:

- **FÉ É LUZ**
- **FÉ É UM TESOURO**
- **FÉ É FORÇA** (“Remove montanhas”)
- **FÉ É ALIMENTO** (“Alimenta a alma”)

FÉ É ALIMENTO, pois **ALIMENTO** transforma-se em **FORÇA (ESPIRITUAL)**.

- **MAL É TREVAS**

Se **FÉ É LUZ** e **MAL É TREVAS**. Assim há:

LUTA entre **BEM** e **MAL**

- **BEM (os bons): AQUELES QUE TÊM FÉ**
- **MAL: AQUELES QUE NÃO TÊM FÉ, AS OVELHAS DESGARRADAS.**

FÉ é **FÉ DE AMOR** e **FÉ DE TEMOR**. **FÉ DE AMOR** conecta-se com a metáfora **DEUS É PASTOR** (cuidado, proteção, manutenção da união). **FÉ DE TEMOR** conecta-se com **DEUS É REI** e **DEUS É JUIZ** pela idéia de **RESPEITO** e acatamento de conduta justa. A leitura dessa radialidade torna visível a existência de modelos proposicionais, modelos metafóricos e modelos metonímicos. Verifica-se que metonímias e metáforas interagem.

3.2 Fragmentos do *corpus* para demonstração⁷

Nesta seção demonstra-se não apenas alguns procedimentos analíticos, mas também as dificuldades e a complexidade de uma pesquisa em Semântica Cognitiva a partir de discursos obtidos por outras fontes. Aqui, o pesquisador não tem controle sobre a obtenção dos dados junto aos sujeitos-informantes. Nesta proposta, trata-se de reunir um conjunto de dados-discursos que possam constituir um *corpus* não apenas significativo, mas sobretudo **suficiente**, para a refutação ou manutenção da hipótese inicial (método hipotético-dedutivo). A suficiência dos dados é que se torna problemática e apenas a proposição de novas pesquisas similares podem promover o avanço metodológico necessário para que os resultados obtidos possam ter validade. Como a “validade” em pesquisa qualitativa é extremamente relativa, o que se busca é, na verdade, **plausibilidade**. A partir desses esclarecimentos fundamentais, podemos partir para a análise propriamente dita. Trazemos alguns fragmentos discursivos, obtidos nesta fase inicial da pesquisa, os quais são analisados segundo alguns critérios básicos e pela proposição de uma análise semântico-cognitiva baseada em um *corpus* obtido de forma mais complexa e, por que não, mais controvertida do ponto de vista metodológico.

Em primeiro lugar, as fontes são categorizadas: **CATEGORIA 1:** obras de história sobre a imigração (algumas contendo a publicação de cartas de imigrantes); **CATEGORIA 2:** obras sobre histórias de família; **CATEGORIA 3:** obras que constituem pesquisa antropológica (com relatos de informantes); **CATEGORIA 4:** obras com recortes de pesquisa historiográfica (com relatos de informantes); **CATEGORIA 5:** entrevistas com estudiosos sobre a imigração italiana, especificamente sobre sua religiosidade.

Cada categoria reúne um conjunto de autores/estudiosos cuja proeminência é reconhecida pela comunidade científica ou autores que, apesar de não serem proeminentes, contribuem com dados de fontes diversas. Esse é o caso de autores que relatam histórias de família. Não são historiadores ou antropólogos, mas contribuem com as memórias de seus antepassados.

⁷ Estes fragmentos constituem parte do *corpus* da PMC em construção pela mestranda Carina Granzotto.

4. Análise semântico-cognitiva de segmentos discursivos

Dos cinco segmentos escolhidos para análise, apenas os três primeiros apresentam a análise discursiva que foi realizada no estudo original do qual este artigo deriva, para que se dê ênfase à análise semântico-cognitiva, dados os limites deste artigo.

Segmentos (1), (2) e (3)

Fonte CATEGORIA 3:

BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos:** vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982.

Obra de cunho antropológico que retrata a evolução da cultura italiana. Os dados são obtidos, através de pesquisa de campo. Os autores optaram por um estudo de caso de uma família de descendentes italianos em uma área de pequena mobilidade social, com uma vida tradicional de imigrantes agricultores, conservando seus costumes familiares, culturas e instrumentos de trabalho, próprios dos primeiros tempos da colonização italiana (a partir de 1875). Battistel iniciou sua pesquisa a partir das experiências de sua própria família. Foram entrevistadas, também, pessoas que apresentassem as mesmas características dos seus familiares: acima de 70 anos, agricultores, falantes do dialeto italiano, sem estudos além da escola rural e com residência permanente na zona rural. São feitos registros no dialeto e traduzidos simultaneamente. Aqui apresentamos os segmentos apenas em sua tradução.

Análise discursiva dos segmentos (1), (2) E (3)

(1) À primeira vista aparece com clareza o imenso trabalho a ser feito em termos de purificação do sentimento religioso, proclamando mais a **figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz**. Importa, também, reencontrar o espírito da intensa solidariedade cristã e a **participação leiga no exercício da religião**. São duas dimensões importantes para a renovação da Igreja nas comunidades de etnia italiana. (BATTISTEL; COSTA, 1982, p.49).

S1 [R1 À primeira vista aparece com clareza o imenso trabalho a ser feito em termos de purificação do sentimento religioso, proclamando mais a **figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz**.] [R2 Importa, também, reencontrar o espírito da intensa solidariedade cristã e a **participação leiga no exercício da religião**.] [R3 São duas dimensões importantes para a renovação da Igreja nas comunidades de etnia italiana]

Em **S1**, Battistel e Costa posicionam-se como locutores que reportam os resultados de sua investigação e, como tal, assumem o lugar, representando a voz de uma autoridade no âmbito de seus estudos, pela sua abordagem antropológica. Na qualidade de antropólogos, promovem generalizações a respeito da religiosidade nas comunidades que investigaram, como no segmento (1): “aparece com clareza”, “importa também”, “São duas dimensões importantes”. São expressões que marcam esse discurso generalizador. Há no segmento como um todo, indicadores de um certo distanciamento do locutor com relação ao tema: o papel dos padres leigos nas comunidades de imigrantes italianos. O **S1** é de interesse para a análise semântico-cognitiva à medida que nos fornece, desde logo, um contexto que abarca várias vozes subsumidas em uma única voz científica e culturalmente legitimada – a da autoridade em estudos antropológicos.

(2) E - Que acha da religião e da juventude, é melhor agora ou antes?

JA - Em primeiro lugar, eu não achei certo que os padres tirassem a batina, parece-me que são menos respeitados, **porque a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado**. E o padre também me parece que era mais respeitado. Depois que tirou a batina, parece que o povo perdeu um pouco do respeito pelo padre. Mas acredito que o padre acompanha um pouco o resto do povo. (BATTISTEL; COSTA, 1982, p.149-150).

A obra tem por característica apresentar, em alguns momentos, o relato direto dos informantes, transcrevendo-o da maneira e na linguagem em que ocorrem. Isso é o que se verifica em **S2**:

S2 [R1 [E] - Que acha da religião e da juventude, é melhor agora ou antes?]

[R2 [JA] - Em primeiro lugar, eu não achei certo que os padres tirassem a batina,] [R3 parece-me que são menos respeitados, **porque a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado.**] [R4 E o padre também me parece que era mais respeitado. Depois que tirou a batina, parece que o povo perdeu um pouco do respeito pelo padre.] [R5 Mas acredito que o padre acompanha um pouco o resto do povo.]

A voz do entrevistador encontra-se em [R1], a qual dirige a conversação. As expressões “eu não achei certo” [R2], “parece-me que” [R3], “me parece” [R4], “acredito que” [R5] revelam a atitude do locutor com relação ao seu enunciado. A voz do informante, que supostamente se assume como locutor pessoal, é modalizada no discurso. Esse “**eu**” trata-se, segundo Battistel e Costa, de João Andreola, nascido em 5 de setembro de 1908, tendo sido casado com Teresa Gubert Andreola, com quem teve 9 filhos. Seu pai era natural de Caxias do Sul e sua mãe, de Ana Rech. Seus avós, disse ao entrevistador, deviam ser de Treviso, na Itália.

Ao dizer, [R2] “eu não achei certo que os padres tirassem a batina”, dá a impressão de implicar-se pessoalmente, como “eu”, locutor pessoal. Entretanto, pela seqüência do discurso [R3], ao acrescentar: “parece-me que são menos respeitados, porque a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado.”, pode-se inferir que se trata de uma enunciação coletiva, que expressa uma crença de uma comunidade, da qual é um representante. O enunciado de [R3], “Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado.” Carrega uma asserção generalizadora, mas não “genérica”. É generalizadora enquanto expressando um estereótipo. Em [R4]: “E o padre também me parece que era mais respeitado. Depois que tirou a batina, parece que o povo perdeu um pouco do respeito pelo padre.”, ocorre o mesmo fenômeno. O modalizador “parece” pode vir a reforçar essa idéia de crença coletiva que ele não pode, todavia, assegurar como locutor pessoal. No recorte final [R5]: “Mas acredito que o padre acompanha um pouco o resto do povo.”, João Andreola, volta a assumir-se como “eu”. Esse “eu”, entretanto, em uma atitude de crença, pode ser, ainda, apenas uma ressonância da voz de uma coletividade.

Esse tipo de segmento [S2] é relevante para a análise semântico-cognitiva, pois permite o acesso direto à fala de um informante. É nessa variedade de fontes, de diferentes características discursivas, que se pode operar, com maior flexibilidade, com a hipótese representada pela estrutura radial proposta.

(3) O **catecismo** era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antônio, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “**Sois vós cristãos?**” – **Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – Ser cristão significa ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...** (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado). (BATTISTEL; COSTA, 1982, p.426).

Em S3, o locutor é José Battistel, que nasceu em 1900.

S3[R1 O **catecismo** era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antônio, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um.] [R2 Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. [R3 Eu sei de cor.] [R4 Diziam: “**Sois vós cristãos?**” – **Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – Ser cristão significa ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...**[R4 (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado).]

Trata-se de um relato livre, tomado ao acaso, sem turnos de perguntas por parte do entrevistador. Caracteriza-se como relato de vida e traz as marcas de relato: “era ensinado” [R1], “eram” [R1], “havia” [R1], “ensinavam” [R1], “aprendemos” [R2], “examinaram-nos” [R2], “faziam-nos” [R2], “respondíamos” [R2], “diziam” [R4]. Em [R2], começa o engajamento do locutor. A expressão “todos” está pela voz de um grupo, de uma coletividade. Em [R3] há a inserção de um

discurso direto, “*Eu sei de cor*”, onde se insere um locutor pessoal. É o “eu” que aponta diretamente para Battistel. Em [R4], há uma interpelação que provoca a aparição de um diálogo em discurso direto: “*Sois vós cristãos?*” “*E que significa ser cristão?*” A pergunta é a interpelação de uma voz também coletiva: José Dall’Agnol, Strapazzon e a velha Nalin, entre outros que tinham a função de ensinar o catecismo. Portanto, novamente, o locutor não é pessoal, individual. Trata-se de uma pergunta que remete a uma indagação comum feita por aqueles que representavam os interesses católicos no ensino do catecismo aos fiéis (cristãos). Aquele que responde “– *Sim, eu sou cristão pela graça de Deus.*” e “*Ser cristão significa ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo.*”, não o faz como um locutor individual tampouco. Trata-se de outra ressonância discursiva: aquele que está sendo catequisado repete o que é esperado dele como resposta. No final em [R4] surge a voz do entrevistador: “(disse quase todo o catecismo de cor e está gravado)”, inserindo um discurso indireto parentético.

Análise semântico-cognitiva dos segmentos (1), (2) e (3)

(1-a) “figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz”

→DEUS-PAI

Esse enunciado relativo à ação do padre leigo proclamando a **figura de Deus** como **PAI** reforça a metáfora já presente nos textos bíblicos: **DEUS-PAI**. Essa metáfora convencional, como se evidencia na estrutura radial, gera uma série de acarretamentos metafóricos considerando o próprio centro prototípico.

→DEUS-JUIZ

A metáfora **DEUS-JUIZ** é mencionada nesse discurso e pode ser destacada em alguns textos da Bíblia Católica, demonstrando o caráter polifônico do fragmento, como em:

Livro Salmos, capítulo 7, versículo 12: “*Deus é um juiz justo, um Deus que sente indignação todos os dias*” (bibliaonline.net)

“*Deus é um juiz íntegro, um Deus perpetuamente vingador*”

(virtualbooks.terra.com.br/biblia/PDFvelho/livrodossalmos.pdf)

“*Deus é um justo juiz. Deus ameaça a cada dia*”. (Bíblia Sagrada, Edição Pastoral)⁸

Livro dos Salmos, capítulo 9, versículo 5: “*Porque defendeste a minha causa e direito: sentaste em teu trono de justo juiz*”.

Livro Isaías, capítulo 33, versículo 22: “*Pois Javé é o nosso juiz, Javé é o nosso legislador, Javé é o nosso rei: ele nos salvará.*”.

Entretanto, essa concepção é preterida em favor da concepção de **DEUS-PAI**.

- **DEUS É PAI**
- **O PAI É PROTETOR**
- **O PAI PROTEGE SEUS FILHOS**
- **OS HOMENS SÃO FILHOS DE DEUS**

Essa metáfora tem de fato uma origem metonímica a partir do modelo proposicional do centro prototípico, oferecido pela estrutura radial anteriormente apresentada. É eleito, metonimicamente o **PAI QUE CRIA, O PAI QUE PROTEGE**.

Indo além desse primeiro fragmento ilustrativo, em outros discursos que formam o *corpus* desta pesquisa, todavia, surge a metáfora de **DEUS COMO JUIZ**:

- **DEUS É JUIZ**
- **O JUIZ CONDENA**
- **O JUIZ PROMULGA SENTENÇAS**
- **O JUIZ ABSOLVE**
- **O DELITO É O PECADO;**
- **O PECADO CONSISTE EM FERIR AS LEIS DE DEUS.**

Aqui também é eleito um dos componentes proposicionais do modelo criado para o centro prototípico: o **PAI AUTORIDADE**. Verifica-se, porém, que os acarretamentos têm origem inferencial. Ambas as metáforas centrais podem ser entendidas como convencionais, mas produzem acarretamentos metafóricos interessantes. Nesse ponto, alerta-se para uma das críticas possíveis à abordagem qualitativa em Semântica Cognitiva de base prototípica: a quantidade e a seleção do

⁸ Verificada as diferentes versões, optou-se, nas demais citações, pela utilização da Bíblia Sagrada (Edição Pastoral), adotada pela Catedral Diocesana de Caxias do Sul, nas atividades que desenvolvem na catequese.

corpus. Em que medida é possível destacar-se um modelo prototípico sem uma análise quantitativa cuja base é uma pesquisa em fontes bibliográficas e documentais? Tratar-se-ia de uma pesquisa que visaria à formação de um inesgotável *corpus* cuja análise seria inexeqüível. Assim, a crítica poderia fundamentar-se na idéia de uma tendenciosidade na formação desse *corpus*. Entretanto como o *corpus* é formado por centenas de recortes, baseados em obras e documentos variados e determinados por sua disponibilidade, não pode ser asseverada tendenciosidade. O ponto forte desse “exercício” analítico é propriamente a criação da **estrutura radial hipotética**, a qual fornece caminhos para a refutação de um ou outro modelo à medida que diferentes *corpora* sejam constituídos, alavancando inúmeras outras pesquisas.

Essas observações, a partir dessa primeira análise, aplicam-se a toda a amostra que é objeto desta seção.

(1-b) “participação leiga no exercício da religião”

Nesta passagem a referência à religiosidade é relativa ao padre leigo, evidenciando-se a proposição de **RELIGIÃO COMO PRÁTICA**.⁹ Trazendo o que já se apresentou na análise de (1-a) e tomando-se a proposição **RELIGIÃO É UMA PRÁTICA**, pode-se derivar uma inferência por metonímia:

- **O PADRE LEIGO ESTÁ PELA IGREJA**
- **A IGREJA ESTÁ POR DEUS**
- **O PADRE ESTÁ POR DEUS**

Se

- **DEUS É PAI**
- **O PAI É PROTETOR**
- **O PAI PROTEGE SEUS FILHOS**
- **OS HOMENS SÃO FILHOS DE DEUS**

Então:

- **O PADRE É PROTETOR**
- **O PADRE PROTEGE SEUS FIÉIS**

(2-a) “batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado.”

- **O PADRE É UM SOLDADO:** Metáfora convencional
- **A BATINA É A FARDA DO SOLDADO:** Acarretamento metafórico
- **O USO DA BATINA TRAZ RESPEITO:** Acarretamento metafórico (de base cultural)
- **O PADRE É SOLDADO DE DEUS:** Metáfora convencional que aparece em textos bíblicos
- **PADRES FORMAM O EXÉRCITO DE DEUS:** Metáfora convencional presente no discurso da doutrina católica
- **DEUS COMANDA O EXÉRCITO DE PADRES:** Metáfora convencional presente no discurso da Igreja Católica
- **DEUS POSSUI UM EXÉRCITO:** Acarretamento metafórico
- **REIS POSSUEM EXÉRCITOS:** Inferência a partir de **DEUS COMO MAJESTADE** (Ver fragmento 3)
- **DEUS É REI:** Metáfora convencional

Essa sequência de três metáforas se encontra também nos textos bíblicos aceitos pela Igreja Católica, como em:

Livro do Êxodo, capítulo 12, versículo 41: “No mesmo dia em que terminaram os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de Javé saíram do Egito.”

Livro Deuteronômio, capítulo 4, versículo 19: “Levantando os olhos para o céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não se deixe seduzir para adorá-los e servi-los. São coisas que Javé seu Deus repartiu entre todos os povos que vivem debaixo do céu.”

Livro Apocalipse, capítulo 15, versículo 3:

“E entoavam o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro: ‘Grande e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! Teus caminhos são justos e verdadeiros, Rei das nações!’”

(3-a) “O catecismo era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antônio, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um.

⁹ Essa proposição, estendida à **PRÁTICA** não do padre leigo, mas dos fiéis, levou a certos achados, a serem examinados na pesquisa de Carina Niederauer Granzotto. Um deles é a **PRÁTICA RITUALÍSTICA**, como veremos logo mais adiante.

Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor.”

(3-b) “Diziam: “Sois vós cristãos?” – *Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – Ser cristão significa ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo... (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado).”*

(3-a) e (3-b) precisam ser analisados conjuntamente. A análise semântico-cognitiva aqui revela metonímias explícitas:

- SER CRISTÃO É SER BATIZADO
- SER CRISTÃO É APRENDER O CATECISMO
- SER CRISTÃO É CRER NA DOCTRINA DE JESUS CRISTO
- SER CRISTÃO É PROFESSAR A DOCTRINA DE JESUS CRISTO

São metonímias como essas que nos levam a manter a hipótese de que o modelo metonímico **SER RELIGIOSO É REALIZAR RITUAIS** ou **RELIGIÃO É PRATICAR RITUAIS** é o modelo prototípico que reflete o modo como o significado de **RELIGIÃO** estrutura-se conceitualmente.

Segmentos (4)

Fonte CATEGORIA 1:

BAREA, D. José. (trad.) Mário Gardelin e Rovílio Costa. **A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

Monografia de autoria do então Cônego Dom José Barea, publicada em 1925, que ressalta a história da imigração e colonização italianas, bem como retrata a influência da Igreja Católica nessa região. Busca colaborar para a compreensão do começo de vida religiosa dos imigrantes, seu desenvolvimento e herança religiosa. Revela ainda o papel dos párocos nesse processo.

(4) Agora as capelas de madeira estão sendo gradativamente substituídas por outras de alvenaria. **Deus tanto os protegeu e abençoou que eles desejam mostrar-se reconhecidos, erguendo templos mais dignos à Majestade infinita.** (BAREA 1995, p.15).

Análise semântico-cognitiva do segmento (4)

(4-a) “**Deus tanto os protegeu e abençoou que eles desejam mostrar-se reconhecidos, erguendo templos mais dignos à Majestade infinita**”.

Nesta passagem tem-se a evidência da metáfora de **DEUS É REI-MAJESTADE**. Essa metáfora já está presente no discurso bíblico demonstrado acima e estão presentes no discurso da Igreja Católica na sua ação missionária junto aos imigrantes.

- O REI É PROTETOR
- A CAPELA É O TEMPLO DO REI
- CONSTRUIR CAPELAS É RECONHECER O PODER DE DEUS

Segmento (5)

Fonte CATEGORIA 1:

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

A obra analisa o comportamento sociocultural dos imigrantes italianos no contexto econômico, político e cultural do Brasil. O autor buscou, para estudar essa questão, o dado sociocultural mais significativo das colônias italianas no Rio Grande do Sul que é a predominância da religião católica nas manifestações sociais e culturais dos imigrantes. Manfroi coletou informações, no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (Relatórios e Falas do Presidente da Província, 1829-1889; Mensagem do Presidente do Estado, 1894-1929; Relatório da Secretaria dos Negócios e das Obras Públicas, 1894-1928); no Arquivo Nacional (Relatórios do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1860-1900), no Arquivo da Província dos Capuchinhos de Savoie-França, Arquivo da Cúria Geral dos Carlistas em Roma e Centro Studi Emigrazione em Roma, entre outros Arquivos.

(5) A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo (MANFROI, 1975, p.185).

Análise semântico-cognitiva do segmento (5)

(5-a) “A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista.”

- A RELIGIÃO DOS IMIGRANTES É RITUALÍSTICA: Modelo metonímico.
- RELIGIÃO como PRÁTICA DE RITUAIS define A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES: Modelo metonímico RELIGIÃO como RITUAL.

(5-b) “Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas.”

- A RELIGIÃO CONSISTE EM PRATICAR AS VIRTUDES CRISTÃS: Modelo metonímico RELIGIÃO como PRÁTICA DE RITUAIS.

(5-c) [...] “o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo.”

→ A RELIGIÃO CONSISTE EM RITOS

Modelo metonímico RELIGIÃO como RITUAL

→ OS RITOS MARCAM A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE

Modelo metonímico RELIGIÃO como RITUAL

→ A REALIZAÇÃO DOS RITOS DISTINGUE AQUELES QUE TÊM FÉ DAQUELES QUE NÃO TÊM FÉ

Modelo metonímico RELIGIÃO como RITUAL

5. Conclusão

A análise exploratória apresentada neste artigo ilustra o procedimento adotado na **PMC**, basicamente através da Semântica Cognitiva Lakoffiana. Até o estágio atual da pesquisa tem-se confirmado que o **MODELO RITUAL**, um modelo metonímico, é o candidato à modelo prototípico. Veja-se, por exemplo, o segmento extraído de Zagonel (1975), obra que investiga o período de 1895 a 1915, que esboça aspectos da história política e eclesiástica do Rio Grande do Sul, política imigratória, características dos imigrantes italianos e o perfil moral do clero gaúcho demonstrando a situação, religiosa, espiritual e cultural do colono encontrado pelos missionários em seu trabalho apostólico.

Se à noite a família se reunida para **rezar**; no fim da semana, as famílias se reuniam, ora na casa de um, ora casa de outro e lá **improvisavam um culto público diante de uma imagem da Virgem ou de santo, colocada sobre um toco de árvore derrubada ou sobre caixote armados sob uma árvore improvisada em templo**. Aos poucos, recordando a pátria distante, a cidade natal erguida ao redor do “Duomo”, **as orações e cerimônias festivas, os ofícios cantados... terminavam recitando o terço, cantando as ladainhas de Nossa Senhora, a Salve Rainha, etc.**

6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (Volochninov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Hucitec, 1986 [1977].

_____. Metodologia das ciências humanas. [1979] In: ____ **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAREA, D. José. (trad.) Mário Gardelin e Rovílio Costa. **A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

BATTISTEL, A. I.; COSTA, R.. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Educs, 1982.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. Trad. Ivo Storniolo; Euclides M. B.. São Paulo: PAULUS, 1990.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985.

_____. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. (Eds.) **Cognitive Linguistics: foundations, scope, and methodology**. New York: Mouton de Gruyter, 1999, p. 95-127.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.

FELTES, Heloísa P. de M. A Semântica Cognitiva Prototípica de George Lakoff. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 49-71, 1992a.

_____. **A teoria dos modelos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992b, 303p.

_____. **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. São Paulo; Porto Alegre; Caxias do Sul: Annablume; Nova Prova; EDUCS, 2003. v. 1, 459 p.

_____. George Lakoff's Theory of Cognitive Models: a metatheoretical and methodological assessment based on an analysis of abstract concepts (W-C-PF). In: SILVA; TORRES, A. T.; GONÇALVES M. (Eds.). **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**, 2 vols. Coimbra: Almedina 2004.

FILLMORE, C. Towards a descriptive framework for special deixis. In: JARVELLA, R.J. & KLEINS, w. (Eds.) **Speech, place, and action**. London: John Wiley, p. 31-59, 1982.

LAKOFF, George. Experiential factors in linguistics. In: SIMON, T. & SCHOLLES R. (Eds.). **Language, mind, and brain**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1982. p. 142-57.

_____. Linguistics gestalts. **Papers from the Thirteenth Regional Meeting, Chicago Linguistics Society**, v. 13, p. 236-287, 1977.

_____. Experiential factors in linguistics. In: SIMON, T. & SCHOLLES R. (Eds.). **Language, mind, and brain**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1982. p. 142-57.

_____. A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do diálogo. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 9, p. 49-68, 1985.

_____. **Women, fire, and dangerous things.** What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. Cognitive semantics. In: ECO, U.; SANTAMBROGIO, M; VIOLI, P. (Eds.) **Meaning and Mental Representations.** Indianapolis: Indiana University Press, 1988, p. 119-154.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought.** New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphors** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

JOHNSON, M. **The body in the mind:** the bodily basis of reason and imagination. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

LANGACKER, R. W. Assessing the cognitive linguistic enterprise. In: JANSSEN, T.; REDEKER, G. (Eds.) **Cognitive Linguistics: foundations, scope, and methodology.** New York: Mouton de Gruyter, 1999, p. 95-127.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana:** os capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.